

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LETHICIA SUELLEN GALDINO GONÇALVES

**LUTO INFANTIL: A Ressignificação da perda de um ente querido na infância**

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

LETHICIA SUELLEN GALDINO GONÇALVES

**LUTO INFANTIL: A Ressignificação da perda de um ente querido na infância**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Júnior

LETHICIA SUELLEN GALDINO GONÇALVES

**LUTO INFANTIL: A Ressignificação da perda de um ente querido na infância**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 08/12/2022

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: PROF. DR FRANCISCO FRANCINETE LEITE JÚNIOR

Membro: PROFA. ESP. CÍCERA JAQUELINE SOBREIRA ANDRIOLA

Membro: PROF. ME. JOEL LIMA JUNIOR

JUAZEIRO DO NORTE - CE  
2022

## **LUTO INFANTIL: A Ressignificação da perda de um ente querido na infância**

Lethicia Suellen Galdino Gonçalves<sup>1</sup>  
Francisco Francinete Leite Junior<sup>2</sup>

### **RESUMO**

Este estudo realizou-se partir de uma revisão narrativa da literatura que tem como objetivo compreender como ocorre o processo de ressignificação do luto infantil decorrente da perda de um ente querido. Assim, investigou-se a forma como as crianças lidam com esta ausência e a importância da família neste contexto, considerando sua responsabilidade em comunicar a morte e quais os impactos a curto prazo na infância dentro do contexto familiar, tendo em vista a relevância dos vínculos parentais na elaboração e comunicação da notícia. As buscas foram realizadas nos sites Google Acadêmico e Scielo utilizando combinações que interpelam o tema desta pesquisa. A vivência do luto pode tornar-se uma das experiências mais marcantes para o ser humano, porém a criança, em particular desenvolve sentimentos de medo, insegurança e confusão por muitas vezes não saber ao certo o que ocorreu. Portanto, o estudo identificou que o luto infantil tem fases e duração que diferem do luto adulto em alguns aspectos. A depender da fase do desenvolvimento da criança, a compreensão e os impactos da perda também sofrem alterações, a família tem um importante papel na comunicação da notícia podendo influenciar na ressignificação saudável do luto infantil.

**Palavras-chave:** Luto infantil. Psicologia. Criança e luto. Comunicação sobre a morte.

### **ABSTRACT**

This study was carried out based on a narrative literature review in order to understand how the process of resignification of childhood grief occurs due to the loss of a loved one. Thus, it was investigated children deal with this absence and the importance of the family in this context, considering their responsibility in communicating the death and what are the short-term impacts on childhood within the family context, were analyzed taking into account the relevance of parental bonds in the elaboration and communication of the death news. The searches were performed in Google Scholar and Scielo sites using combinations that interpellated the theme of this research. The experience of mourning can become one of the most remarkable experiences for human beings; however, the child in particular develops feelings of fear, insecurity, and confusion for often not knowing for sure what happened. Therefore, the study identified that children's grief has phases and duration that differ from adult grief in some aspects. Depending on the child's developmental stage, the understanding and impacts of the loss also change, and the family has an important role in communicating the news and can influence the healthy resignification of childhood bereavement.

**Keywords:** Childhood bereavement. Psychology. Child and grief. Communication about death.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: lethiciasuellen10@hotmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

## 1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a morte se apresenta como um processo intrínseco a existência dos seres vivos. Em um dado momento, o homem irá deparar-se com a imprevisibilidade da finitude, seja qual for a forma que a mesma ocorra. Por inferir que o processo do luto em si é complexo, chega-se à conclusão de que para a criança, torna-se ainda mais confuso abordar esse tema, tendo em vista que nessa fase do desenvolvimento a mesma pode não compreender a morte e não está emocionalmente pronta para enfrentar tal situação (YAMAURA; VERONEZ, 2016).

Compreende-se que, a vivência do luto é umas das experiências mais marcantes para todas as pessoas, no entanto a criança, em especial, pode desenvolver sentimentos dolorosos de medo, insegurança e confusão. Neste sentido, destaca-se a relevância social deste tema ao possibilitar reflexões sobre a ressignificação do luto infantil tendo em vista suas características divergirem em alguns pontos do processo vivido por um adulto enlutado, bem como, ressaltar a importância da família neste processo, sendo ela a principal rede de acolhimento e confiabilidade da criança, facilitando assim uma melhor percepção dos pequenos sobre o momento de pesar vivenciado em seu lar. Baseado nas fases do desenvolvimento cognitivo, descritas por Torres (2012, p. 48), crianças no período pré-operatório, entre 2 a 5 anos, não conseguem estabelecer de forma clara a diferença entre animados e inanimados, não compreendem que a morte seja uma perda material e um processo definitivo.

A relevância pessoal deste assunto, a priori, seria estudar mais a fundo e compreender o luto, principalmente o infantil, levando em consideração ser este um tema complexo, mas de discussão necessária e importante para estruturação do contexto familiar. Além de ser um assunto pouco falado, por estar envolto de um tabu que é explicar a criança sobre a perda e irreversibilidade da vida, como também incluí-la nos rituais fúnebres de despedida do falecido por considerá-la um ser frágil. Nessa perspectiva, destaca-se posteriormente o interesse de entender a ressignificação do luto infantil, bem como as etapas deste processo, podendo diferenciá-las da perda vivenciada pelo adulto que já possui uma maior estruturação de sua personalidade.

A família muitas vezes pode não conseguir explicar a criança sobre a morte de seu ente querido, ou comunica tal perda de uma forma imaginativa e fantasiosa, dificultando a compreensão da criança do que realmente ocorreu, considerando o fato de que todos os adultos estão também buscando formas de lidar com a perda. Neste viés, é imprescindível que pessoas mais próximas e de vínculo da criança, encontrem estratégias para comunicação da

má notícia facilitando de alguma forma a elaboração do luto destas (YAMAURA; VERONEZ, 2016).

A importância para o meio acadêmico seria construir uma discussão dentro das instituições sobre este assunto, baseado na relevância desta temática para academia, possibilitando e abrindo portas para recursos teóricos e arcabolsos científicos, proporcionando sua utilização para futuras pesquisas em diversas áreas.

Abordar sobre o luto é uma tarefa desafiadora e complexa, por suscitar questões, crenças paradoxais, angústias e dúvidas ainda difíceis de serem respondidas. Assim sendo, o presente estudo procura responder de forma clara e colaborativa, como a literatura científica apresenta o processo de ressignificação da perda de um ente querido da criança?

Nesse sentido, o objetivo geral visa compreender como ocorre o processo de ressignificação diante da perda de um ente querido da criança, através da literatura científica. Os objetivos específicos buscam analisar a forma como a criança lida com esta perda; investigar a influência da família nesse contexto, considerando sua responsabilidade em comunicar a notícia e apontar quais são os impactos da perda de um ente querido a curto prazo no cotidiano desta criança.

## **2. METODOLOGIA**

Com o intuito de atingir os objetivos apresentados, realizou-se uma revisão narrativa da literatura. Segundo Cordeiro et. al. (2007), esta pesquisa apresenta uma estrutura mais aberta sobre a temática, não exigindo um protocolo regrado para sua realização. A busca do material não é pré-definida e singular, a escolha dos artigos pode ser feita de forma abrangente e subjetiva, dando maior liberdade ao autor.

A pesquisa também se constitui de forma exploratória pela abordagem qualitativa. Segundo Gil (1999), esta pesquisa tem como principal objetivo elucidar conceitos e ideias, propondo-se a formular problemas ou hipóteses de pesquisa que possam vir a servir para estudos futuros. O estudo exploratório envolve levantamento bibliográfico e análise de documentos, bem como entrevistas não padronizadas e até estudos de caso. São desenvolvidas a fim de possibilitar uma visão ampla acerca de um tema que muitas vezes é pouco investigado, dificultando sua formulação precisa.

O método de pesquisa pela abordagem bibliográfica qualitativa, se constituem em identificar quais são as contribuições científicas sobre o luto infantil, bem como selecionar, analisar e interpretar aportes teóricos existentes na literatura relacionados a este assunto, ou

seja, em livros, artigos e materiais encontrados na internet (MATIAS, 2019).

Como fonte de pesquisa foram utilizados artigos publicados em websites nos últimos 6 anos, aplicados com o propósito de discorrer sobre o processo de ressignificação da perda para uma criança, sua vivência com a família também enlutada e os impactos da finitude. Tais artigos foram encontrados em sites como Google Acadêmico e Scielo, levando em consideração referenciais teóricos encontrados através dos descritores: luto infantil, psicologia, criança e luto e comunicação sobre a morte, combinados em português.

Foram selecionados e analisados, artigos baseados em leituras críticas articulando a escrita dos autores com os objetivos deste estudo. Em seguida, os materiais foram utilizados para desenvolver três tópicos: o primeiro discorre sobre a visão de morte na contemporaneidade, o segundo a cerca do que é luto de um modo geral, do luto infantil e suas implicações na constituição da subjetividade e o terceiro e último sobre a importância da família na comunicação da morte e os impactos desta perda na infância.

### **3. VISÃO DA MORTE NA CONTEMPORANEIDADE**

Desde muito tempo o homem tenta explicar a morte e o seu destino através da religião e da filosofia. Baseado em culturas, escrituras antigas e tradições familiares o sujeito busca sua melhor forma de interpretar a finitude da vida dando a esta um significado, uma personalidade e por vezes uma forma mais simbólica e ritualística de encará-la. Partindo desse princípio, durante muitos séculos o indivíduo moderno vem tentando vencer a morte ou ocasionalmente agir como se ela não existisse, ignorando-a, não tocando neste assunto, acreditando ser uma questão pautável somente ao envelhecer (KOVÁCS, 2013).

Na contemporaneidade, falar da morte é um tabu, um mal-estar, um desconforto, pois mexe com o íntimo do ser humano, e com o que há de mais frágil em cada um, pois é tida como algo enigmático e imprevisível. A vista disso, os costumes ritualísticos de sepultamento se tornaram cada vez mais abruptos, velórios e enterros são substituídos por cremações, sendo estes, formas de acabar ainda mais rápido com a morte e o desconforto que ela traz. Deste modo, com o passar dos anos e com o avanço da tecnologia, podendo esta, ser capaz de prolongar a vida dos doentes, tem sido cada vez mais difícil processar e compreender a finitude da vida (SILVA, 2007 *apud* OLIVEIRA; ROCHA, 2017).

Ao longo de todo o percurso do crescimento humano, o indivíduo cerca-se de episódios e acontecimentos ligados a vida e morte, entre estes a perda, ou seja, o fato de existir a transição entre a infância, puberdade, vida adulta e senilidade, pode haver entre essas

fases perdas reais e simbólicas, o que podem diferenciá-las é que na primeira ocorre a morte de alguém de forma material, e a segunda pode ser comparada ao afastamento do convívio com esta pessoa, seja na separação de casal ou em quaisquer outros motivos, ambas podem vir a suscitar sentimentos de luto. No processo de mudança para infância com a adolescência, o sujeito sofre modificações corporais, cognitivas e emocionais, bem como, a mudança de personalidade, podendo estas serem relacionadas a perdas simbólicas também, ao deixar de ser criança, mudar suas características físicas e compreender o mundo de uma forma diferente (KOVÁCS, 2013).

Sobretudo, em consonância com a ideia da autora citada, Pereira e Pires (2018), integram a perspectiva de pequenas perdas, que podem ocorrer em trocas de empregos, mudanças de residências, onde nestes casos ocasionam prejuízos na vida do indivíduo, em sua rotina, hábitos sociais e financeiros, acarretando sensações associadas a representação da perda de um objeto de forma simbólica. Tais circunstâncias despertam no sujeito angústias, anseios e sentimentos de dor e desalento intimamente ligados a morte. A perda real atravessa o ser humano de uma forma mais reflexiva e sentimental, no qual o mesmo procura fugir da realidade, ou até mesmo bloquear o sofrimento, não se permitindo nem pensar. Já outros lidam com o sentimento de luto de uma forma mais intensa, em ambos os casos percebe-se no indivíduo uma sensação de esvaziamento de uma parte de si.

Segundo Kovács (2013), a finitude é tida como um processo pertencente ao ciclo da vida, inclusive desde o nascimento a criança vive perdas simbólicas experimentadas como uma morte, embora sem compreendê-las dessa forma, sendo estas a separação da mãe, mesmo que por breves instantes, causando no bebê sentimentos de solidão e abandono.

Alem disso, durante os primeiros meses de vida a criança vivencia momentos cruciais para construção do seu desenvolvimento. Neste sentido, por ainda não falar e caminhar, elas significam seus gestos através do corpo, dos movimentos das mãos, do barulho que os brinquedos fazem em sua posse, ao cair no chão, no contato ao levá-los a boca e de sua interação corporal com a mãe através da amamentação e de outras atividades do seu dia. Por meio destas práticas os bebês conhecem e sentem a perda simbólica, onde percebem brinquedos caírem, pessoas sumirem por alguns instantes, fungindo do seu controle, mas depois de um tempo elas podem retornar (MELO, 2011).

### 3.1 FASES DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Sendo assim, desde tenra idade, a criança obtém experiências relacionadas a luto,

sejam elas ligadas a perdas materiais ou simbólicas. Quando bebês, elas ainda não são capazes de separar a vida e a morte, porém conseguem viver sensações de abandono e devastação. Na construção do desenvolvimento cognitivo elas se deparam com a percepção da diferença entre vivos e mortos, por exemplo, diferenciar brinquedos (não vivos) e pessoas (vivas), assim compreendendo também óticas abstratas, como irreversibilidade e causalidade (EMER et al., 2016).

Por conseguinte, Kovács (2013) trás a definição do período das operações formais onde crianças com 7 anos se encontram, nesta fase, elas já reconhecem a morte como um processo real e irreversível, onde ocorre a ausência da pessoa no mundo e a paralisação do corpo em forma física. O mesmo acontece com o sujeito no período da adolescência, podendo estes levantar questionamentos e respostas ordenadas sobre o tema tão embaraçoso. Quando o adulto depara-se com a finitude, ele também encara a possibilidade de estar diante da sua morte, o deixando vulnerável e impotente.

Ademais, a sociedade moderna composta em sua maioria por adultos que apoiam a ideia de que crianças são seres incapazes de compreender a perda, visando tudo que é associado a finitude como algo desfavorável a elas, não explicando-as o que aconteceu, mudando de assunto ou contando-lhes histórias de faz de conta que tentem explicar a morte (LIMA; KOVÁCS, 2011).

De acordo com Torres (2012), baseado em seus estudos com crianças de idade entre 3 e 10 anos, existem três fases que a autora identificou processos de percepções diferentes apresentadas na infância sobre a morte. A primeira fase ocorre até os 5 anos de idade, nesta, a criança não identifica o perecimento como inconvertível, ou seja, elas irão atribuir vida ao falecido usando a fantasia e a imaginação que lhe são apresentadas através de desenhos e brincadeiras desde o início da vida, onde neles não existe morte e processos irreversíveis.

A segunda fase ocorre entre 5 a 9 anos de idade, neste período a criança já tenta de alguma forma atribuir um significado mais concreto, aceitando sua irreversibilidade, porém ainda sem entender que a morte não pode ser evitada. A terceira etapa ocorre acima da 9 anos de vida, a finitude já é compreendida como inconvertível, e para além disso, também como algo que pode acometer a todos os seres vivos, ou seja, como um processo universal onde tudo que é vivo pode vir a morrer. Esta última, pode ser integrada como referência temporal para a construção da percepção de perda real da criança (TORRES, 2012).

Outrossim, a autora ainda destaca que o entendimento dos pequenos sobre a perda não se explica apenas pela faixa etária, mas também conforme o seu grau de desenvolvimento da fase, a exemplo como eles diferenciam seres vivos de não vivos, sua

noção sobre passado, presente e futuro. E por fim seu entendimento sobre a separação do corpo morto enquanto matéria.

#### **4. LUTO, LUTO INFANTIL E SUAS IMPLICAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE**

Em primeiro lugar, é importante compreender que o luto remete a ideia de perda pela morte de alguém, ou pode significar uma ausência simbólica de pessoas ou até mesmo objetos de grande importância que por algum motivo foi perdido. Muitos autores discorrem sobre este sentimento. Sigmund Freud (1917/1974) traz em sua obra *Luto e Melancolia*, o luto como uma resposta a perda de um ente querido, sendo este um efeito que ocupa o lugar do sujeito ou objeto de amor que foi perdido, tendo havido uma pulsão libidinal liberada e mais adiante esta tenha sido frustrada.

Em suma, para a psicanálise freudiana o luto é uma vivência sofrido para o ego (Eu) que teve seu instrumento de amor desaparecido, e a partir deste fato, tentará se reorganizar construindo uma nova rotina, transferindo seus desejos para novos objetos. O luto demandará do sujeito um tempo para se organizar de maneira natural (FREUD, 1917/1974).

Segundo Moura e Assis (2018), a resignificação do luto não ocorre de forma incompleta, tendo em vista que são emoções que surgem somente um tempo após o acontecimento e serão vivenciadas com o passar dos dias, em etapas, porém de forma subjetiva. Neste sentido, os autores compreendem que o luto é uma experiência volúvel, entre idas e vindas em que se constitui a perda e recuperação sobre a ausência do objeto, onde o ego produzirá um exercício de ajuste após a morte real ou simbólica, encarando angústias, tristezas e sentimentos parecidos que geram, por sua vez, incômodo ao ego.

De acordo com Wonder (2013), o luto se apresenta em algumas tipificações, uma delas é o luto considerado normal, que por sua vez, possui emoções habituais de quando se perde alguém. Segundo o autor alguns sentimentos comuns são tristeza, raiva, culpa, ansiedade, solidão, choque, torpor, que podem aparecer em diferentes épocas após o acontecimento. Ademais, sintomas físicos também podem surgir no sujeito enlutado, dentre eles, aperto no peito, sensação de “nó” na garganta, falta de ar, vazio no estômago e falta de energia.

Em contrapartida, é necessário ater-se ao fato de que o luto, em alguns casos pode ser visto como patológico. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM V (2014, p. 789), na seção III, em condições para estudos posteriores, encontra-se

descrito o transtorno do luto complexo persistente, manifestado em sujeitos que sofreram a morte de pessoas próximas. Os sinais indicativos do prejuízo são: saudade persistente do falecido, intenso pesar e dor emocional, preocupação com o morto, bem como, com as circunstâncias da morte. Em crianças os sintomas citados podem apresentar-se em forma de brincadeiras e no comportamento, como por exemplo, ela voltar sua atenção a um parente sobrevivente, tal qual, preocupar-se com sua possível morte. O luto patológico pode ser diagnosticado quando os indícios citados são produzidos em um grau significativo, em grande parte do dia e atenuar-se durante pelo menos doze meses após a morte para os adultos e seis meses em crianças.

Freud (1917/1974), define a melancolia como uma condição elevadamente angustiante, tendo como consequência a falta de interesse pelo mundo. O psicanalista associa a melancolia com o luto anormal, ou seja, com o desejo de reaver o irrecuperável, não se tem de forma nítida o que foi perdido junto deste outro, porém ocorre um esvaziamento do eu, baixa auto estima e conseqüentemente a insignificância do ambiente, podendo acarretar sintomas físicos, como: perda de apetite e insônia semelhantes a experiência do sujeito enlutado.

Em suma, pode-se destacar que no luto normal experimentado por um adulto em alguns aspectos, sinais e sintomas assemelham-se com o luto infantil, bem como, no luto complexo. Entretanto, como já citado a criança possui fases do desenvolvimento cognitivo, pensamentos, comportamentos e construção da realidade diferentes de como vive o adulto, por isso, o sentimento de perda pode afetá-la, ser externalizados, e até mesmo ter um tempo de duração distintos. Wonder (2013) e Torres (2012), trazem as fases do luto sofridos pelo sujeito enlutado. O primeiro trás as tarefas do luto adulto e a segunda do luto vivido pela criança.

Em seu livro aconselhamento do luto e terapia do luto, Wonder (2013), trás algumas tarefas relacionadas a atitudes que o sujeito enlutado fará para se adaptar a nova realidade perante a ausência. O autor ainda destaca que o luto é um processo e não um estado, as tarefas seguintes exigem esforço por parte do indivíduo, ainda que seja uma vivência subjetiva. A primeira tarefa seria aceitar a realidade da perda, ou seja, lidar com o fato de que a pessoa não retornará mais. O oposto de aceitar seria negar a realidade da perda, na tentativa de não sentir ou amenizar os impactos desta. A recusa atua como uma barreira depois do choque que acompanha a notícia imprevisível. A segunda tarefa seria processar a dor do luto, é importante destacar que nem todas as pessoas sofrerão do mesmo modo e com a mesma intensidade,

porém o autor descreve que é necessário que o sujeito sofra o luto, do contrário, circunstâncias que evitem ou anulem a dor, podem adiar o processo do luto.

A terceira tarefa seria ajustar-se a um mundo sem a pessoa, divididas em ajustes externos, onde a pessoa se reorganizará em um novo espaço sem o falecido, ajustes internos, ou seja, compreender como se constitui a pessoa enlutada perante esta ausência. O luto pode vir a abalar a autoestima do indivíduo. Por fim, ajuste espirituais, onde a pessoa irá procurar um significado para esta perda bem como, nas modificações que ocorreram, para que assim ela possa de alguma maneira retomar o sentido de sua vida enquanto sobrevivente. A quarta e última tarefa seria encontrar conexão duradoura com a pessoa morta em meio ao início de uma nova vida, nesta última, o sujeito buscará maneiras de conectar-se ao falecido, encontrando um espaço nas memórias que possam estar direcionados a preservar lembranças da pessoa morta sem que estas atrapalhem o seguimento de sua vida. (WONDER 2013).

Segundo Torres (2012), em primeiro lugar, é importante entender que o luto é uma enorme tarefa cognitiva e afetiva para criança. Nesse contexto, é preciso definir sua capacidade de compreensão sobre o que é a morte, ou seja, existe uma assimilação em um dado período da infância onde ela interpreta o conceito de universalidade, não funcionalidade e irreversibilidade (que ocorre após os sete anos), bem como, a fase que as três ideias citadas não são captadas, período identificado em indivíduos ainda muito pequenos.

Ademais, as crianças manifestam padrões comportamentais fomentados pela perda que também podem ser definidos em etapas progressivas. A primeira fase é a do protesto, quando elas não conseguem aceitar que o ente querido tenha falecido. A partir daí inicia uma tentativa de recuperá-lo, nesta etapa pode haver uma maior manifestação de choros, inquietações e incansáveis buscas e espera da pessoa perdida (BOWLBY, 1984, p. 123 *apud* TORRES, 2012).

A segunda fase formulada por Bowlby (1984) e descrita por Torres (2012), é a aceitação, a criança inicia o processo de compreensão do falecimento do sujeito amado, o que não significa dizer que o desejo por seu retorno tenha cessado, mas reduziu. A terceira etapa do luto infantil seria a apatia, ou seja, neste momento sentimentos de unir-se ao falecido e indignação não existem mais, dando espaço a impassibilidade e falta de ânimo, porém a lembrança do moribundo ainda encontra-se presente. Por fim, o quarto e último estágio, a esperança, onde a criança vai buscar uma nova rotina e organização sem a pessoa morta.

Assim sendo, no luto infantil comum, é válido considerar as condições citadas abaixo, entendendo que do mesmo modo, no luto adulto, a criança enlutada também reorganizará a perda em etapas levando em conta sua subjetividade e tais circunstâncias:

Naturalmente, o processo e os resultado das reações da criança ao luto dependerão de vários fatores, tais como a idade, a etapa do desenvolvimento em que a criança se encontra, de sua estabilidade psicológica e emocional, e da própria significação da perda, isto é, da intensidade e diversidade dos laços afetivos, estes não são idênticos, sendo, portanto, necessário considerar essas diferenças (TORRES, 2012, p. 125).

Em suma, pode-se salientar que a perda tida como intensa quando aconteça a ruptura da conexão física presente. Já o luto é conceituado como uma tarefa psíquica de ressignificação desta ausência por meio do qual o indivíduo reajustará sua vida, sendo este um processo gradativo de aceitação da morte e redefinição da rotina, exercícios e personagens da vida do sujeito enlutado a procura de dar um novo sentido a sua vida (KOVÁCS, 2008).

## **5. A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E OS IMPACTOS DA PERDA INFANTIL**

É fato que, a sociedade volta-se a tentativa de distanciar as crianças de assuntos relacionados a morte, partindo do princípio de que este seja um tema complexo demais para a compreensão delas. Segundo Kubler-Ross (2012), quando ocorre uma morte, na tentativa de proteger as crianças, os adultos criam histórias fantasiosas para explicar tal fato. Porém, a depender da fase de desenvolvimento cognitivo da criança, a mesma irá internalizar a experiência contada como algo traumático e misterioso, gerando uma quebra de confiança dela para com os adultos. A autora ainda destaca que, diante desta realidade, a criança é de certa forma impedida de preparar-se para encarar a morte como parte da vida.

Por certo, percebe-se que as crianças enfrentam situações de perda, vivenciando sentimentos como medo, ansiedade raiva, e tristeza. Ademais, quando trata-se da perda de alguém significativo, elas tem medo de não saber lidar com a intensidade de seus sentimentos. Por isso, os pais e adultos próximos a criança exercem um papel fundamental neste momento delicado, por esse motivo o jeito e a abordagem que os adultos terão com a criança para acolher e explicar esta perda, influenciarão diretamente no modo como a ela enfrentará o luto (PAIVA, 2011 *apud* OLIVEIRA; ROCHA, 2016).

Todavia, Lima e Kovács (2011), destacam que quando a comunicação é bloqueada, abre espaços para a criança imaginar o que pode ter acontecido, criando uma visão alterada sobre a morte baseada no que a ela tem conhecimento sobre esse assunto, como também, a mesma poderá manifestar comportamentos sintomáticos e destrutivos alimentados por medos e inseguranças a fim de atrair a atenção dos adultos. Por isso, eles devem agir como simplificadores no processo do luto da criança compartilhando suas dores sobre a perda do ente querido, favorecendo a comunicação e atenuando o sofrimento desta.

Neste sentido, em muitas circunstâncias a família tenta preservar a criança de toda o pesar da morte, e para justificar a ausência do falecido, contam histórias fantasiosas, a exemplo, relatar que o morto “fez uma viagem”, esta doente, ou então gerar expectativas dizendo que o familiar falecido retornará. A depender de faixa etária e do seu nível de compreensão sobre morte, estes contos podem gerar insegurança e confusão, acarretando medo, frustração e comportamentos aversivos na criança, dificultando ainda mais a ressignificação desta perda intensa (MENDONÇA; PORTO, 2021).

Assim, como afirmam Sengik e Ramos (2013), a morte reflete ansiedades, angústia e medo, fazendo com que se tenha o desejo de evitar esse tema, no entanto, ela faz parte da vida e, a sugestão dos estudiosos é que o assunto morte seja conversado com crianças, de maneira sincera e natural, permitindo que elas expressem suas dúvidas, pensamentos e sentimentos (MENDONÇA; PORTO, 2021, p.10).

A comunicação acertiva da perda e durante a elaboração do luto são de suma importância na tentativa de ajudar a criança a lidar de uma forma mais natural com os sentimentos do luto. Em situações delicadas como estas não existe uma “receita de bolo” ou um protocolo a se seguir, porém é necessário que ela saiba de forma sincera sobre a morte do seu ente querido, e que o adulto explica a irreversibilidade da morte, principalmente antes dos 7 anos de idade quando não se tem ao certo uma convicção sobre isto (MENDONÇA; PORTO, 2021).

Os autores ainda salientam que após o diálogo complexo, a depender da faixa etária, a criança sinta que pode ser acolhida pelo parente que está transmitindo a má notícia e que todas as suas dúvidas sobre como se deu a morte, sejam tiradas, sendo estas respostas de fácil compreensão. Caso a morte ocorra por acidente, os detalhes devem ser poupados. Dessa forma, a criança pode vir a estabelecer uma relação de confiança com o adulto como também identificará que pode contá-lo como se sente.

Além disso, é de suma importância que sejam criadas formas que contribuam para que o atravessamento do luto desta criança seja natural, auxiliando também no enfrentamento da perda sofrida pelos demais familiares. A utilização da literatura infantil seria um excelente aliado com o propósito de ser feito um comparativo da ausência real com as histórias contadas, proporcionando um diálogo mais leve e dinâmico (CRUZ et. al, 2021).

Segundo Lopes e Pereira (2021), outro fator significativo a ser mencionado seria a participação da criança nos costumes fúnebres: velório, missa ou culto de corpo presente, enterro e sepultamento, dessa forma ela entenderá o processo, expressará os seus sentimentos, e poderá fazer seu momento de despedida a pessoa falecida assim como os adultos. Ao contrário do que muitas vezes pensa a família enlutada, poupar os pequenos dos rituais, pode não ser uma alternativa sadia posteriormente, estar presente nesses momentos também é

considerado uma alternativa de comunicação transparente. As autoras relatam que a manifestação de sentimentos partida dos adultos, possibilita a criança a confiança e abertura de conseguir expressar os seus. Todos os fatores citados devem ser analisados e empregados com base na subjetividade da família enlutado, bem como, a ocorrência da perda, e a vinculação da família com a criança.

Ademais, outro aliado importante neste processo seria a psicoterapia infantil, sendo esta uma decisão e iniciativa viabilizada pela família levando em consideração a demanda, comportamentos fora da rotina apresentados pela criança após a perda, como se deu a morte e de que maneira foi transmitido a notícia. Segundo Gonçalves (2019), o exercício lúdico pode ser um instrumento orgânico que agregue de forma positivo o trabalho do psicólogo infantil nos espaços clínicos. Um equipamento importante de trazer a essa discussão seria a família terapêutica que se constitui em uma coleção de bonecos composto por vários personagens capazes de representar a organização familiar.

O interesse das crianças com os bonecos permitirá ao terapeuta uma maior percepção sobre como elas atribuem papéis, consequentemente quando algo ou alguém for perdido a simbologia do brincar possibilitará a manifestação de sentimentos advindos dessa falta na composição familiar. Um dos principais atributos da brincadeira utilizada na terapia seria a não diretividade da atuação, estabelecendo um elo com a criança facilitando sua evolução e entrega no processo (GONÇALVES, 2019).

Neste momento complexo vivido pelas crianças é importante ater-se a alguns detalhes que possam ajudá-las a entender melhor sobre os momentos enfrentados após a morte: falar sempre a verdade, deixá-las na companhia de pessoas de confiança que estejam preparadas para estabelecer uma conversa afim de falar sobre o acontecido, sobre sentimentos incluindo tristeza e saudade, fazer desenhos, ou incentivá-las a escrever algo como uma ajuda na externalização do sofrimento, perguntá-las se é da vontade delas participar do velório, enterro e homenagens, sempre explicando o que estes significam e de quais sentimentos possam surgir nestes locais, por fim é importante a acolhida da escola e dos amigos próximos a elas, para que assim todos estejam prontos para auxiliar e facilitar este processo (SIMONETTI, 2022).

Assim sendo, apesar de falar da morte com crianças ainda seja um difícil assunto, sendo causador de desconforto e estranheza por parte dos adultos, é válido ressaltar que elas ainda sentem saudades, e desejo de unir-se ao falecido, necessitando assim como o ser humano maduro vivenciar a dor da perda de pessoas, objetos ou animais que foram de alguma forma importantes na vida delas (SIMONETTI, 2022).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender através de uma revisão narrativa de literatura como ocorreu a resignificação do luto, apresentada pela literatura científica, mas precisamente o da criança pela perda de um ente querido, procurando entender o conceito de morte vivenciado pela sociedade atual que se apresentam com rituais fúnebres breves, tornando a morte cada vez mais distante, as diversas noções de perda sofridas pelo sujeito ao longo da vida, bem como os fatores que influenciam a percepção sobre a irreversibilidade da morte na infância que seriam a idade e a fase cognitiva. Outros fatores citados foram as diferenças entre o luto normal e patológico, como também, a importante papel da família na construção do luto saudável. Diante do exposto nota-se que os objetivos deste artigo foram atingidos.

A pertinência desse estudo seria abordar a relevância em falar sobre o sofrimento infantil diante de uma perda, sucitando o debate no ceio familiar sobre como se da o processo de resignificação deste luto visto como diferente do vivido pelo adulto, dando visibilidade a necessidade do olhar atento dos entes sobreviventes a essa a criança enlutada que assim como os demais, sofrerá o impacto da ausência, porém muitas vezes de forma silenciosa.

Foi abordado também possibilidades de comunicação da morte, pautada em uma transmissão transparente, sincera e cuidadosa afim de passar a mensagem de forma assertiva visando acolher a criança e os sentimentos emergentes. O artigo ainda ressaltou que o brincar muitas vezes se torna uma ferramenta excelente para expressar sentimentos e demandas no período da infância. No luto não seria diferente, além de ser um instrumento de estabelecimento de vínculos com a criança são através dos jogos e brincadeiras, nas contações de histórias que a família trabalha a simbologia da perda e como ela reflete na compreensão de mundo e no desenvolvimento infantil. Na construção do artigo foi identificado que quando a transmissão coerente não ocorre, ou adulto explica a morte para a criança de maneira fantasiosa, pode dar abertura para ela imaginar e assimilar o acontecimento baseado na sua compreensão de mundo, podendo não ser benéfico para a construção do luto normal, acarretando nela medo, insegurança e comportamentos diferentes do habitual.

Por isso, cabe salientar que esse tema ainda é considerado complexo, devido a delicadeza e cuidado que a sociedade ainda possui em falar da morte para crianças, bem como inclui-las nos rituais fúnebres. Neste viés, destaca-se a relevância deste artigo em compor o

arcabólso teórico de estudos nesta área salientando a necessidade de compreender como as crianças entendem sobre perda de um modo geral, assim como elas ressignificam o luto pela morte de um parente próximo, e a importância da família na construção de um luto saudável, como também na comunicação dessa morte utilizando-se de estratégias facilitadoras para melhor compreensão destas.

Em suma, diante do que foi apresentado, a pesquisa identificou que o luto infantil considerado normal tem fases e um tempo de duração visto como menor que as etapas do luto adulto, a compreensão e os impactos desta perda também serão distintos a depender da fase do desenvolvimento em que está a criança enlutado se encontra, a família tem um importante papel na comunicação da notícia, podendo influenciar significativamente a elaboração de um momento saudável.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: **DSM-5**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CORDEIRO, Alexander Magno. *et al.* Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**. 2007, v. 34, n. 6, p. 428-431. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-69912007000600012>. Acesso em: 11 set. 2022.

CRUZ, Maria Cristina Natasha Lima. *et al.* Um pedaço de mim virou estrelinha: elaboração do luto infantil. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 8, p. e23210817255-e23210817255, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/17255/15414>. Acesso em: 06 nov. 2022.

EMER, Marcell. *et al.* A criança e a iminência de morte do progenitor: o desafio dos pais na comunicação das más notícias. **Revista da SBPH**, v. 19,2 n. 1, p. 21-40, 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582016000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582016000100003). Acesso em: 27 set. 2022.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In **S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 14, pp. 275-291). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917). 1917/1974. Disponível em: <https://carlosbarros666.files.wordpress.com/2010/10/lutoemelancolia1.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5º Ed. São Paulo:Atlas, 1999.

GONÇALVES, Júlia Eugênia. O Uso da Família Terapêutica na Intervenção Psicopedagógica. **Educação e psicopedagogia**. 2019. Disponível em: <http://www.edupp.com.br/2019/05/o-uso-da-familia-terapeutica-na-intervencao-psicopedagogica/>. Acesso em: 15 nov. 2022.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e o desenvolvimento humano**. 2ª reimpressão. 5ª edição de 2008. São Paulo: Casapsi Livraria, 2013.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**: o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LIMA, Vanessa Rodrigues de; KOVÁCS, Maria Julia. Morte na família: um estudo exploratório acerca da comunicação à criança. **Psicologia: Ciência e Profissão**. 2011, v. 31, n. 2, pp. 390-405. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200014>. Acesso em: 03 out. 2022.

LOPES, Laianne Lannunci Lima; PEREIRA, Ana Leticia Guedes. A vivência do luto infantil no curta-metragem oma the. **Facit Business and Technology Journal**, v. 2, n. 31, 2021. Disponível em: <https://jnt1.websiteseuro.com/index.php/JNT/article/view/1319>. Acesso em: 15 nov. 2022.

MATIAS, José Pereira. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 4ª edição. [3. Rempr.]. São Paulo: Atlas, 2019.

MELO, Ferdinando Santos de. Jogos e brincadeiras: espaço de ação escolar e psicopedagógica no desenvolvimento infantil. Anais do V Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade. **Sessão de Comunicação: Psicologia, Aprendizagem e Educação**. São Cristóvão-SE, 2011. Disponível em: <http://educonse.com.br/2011/cdroom/eixo%2014/PDF/Microsoft%20Word%20-%20JOGOS%20E%20BRINCADEIRAS.pdf>. Acesso em: 20 set. 2022.

MENDONÇA, Patrícia Gonçalves; PORTO, Taciane Castelo Branco. Comunicação Sobre A Morte Para Crianças: uma pesquisa a luz da Psicologia fenomenológico-existencial Communication About Death For Children: a research in the light of existential-phenomenological psychology. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 6, p. 62358-62376, 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/anapa/Downloads/31827-81418-1-PB%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/anapa/Downloads/31827-81418-1-PB%20(7).pdf). Acesso em: 01 nov. 2022.

MOURA, Jennifer Guimarães de; ASSIS, Maria de Fátima Pessoa. **Psicanálise e contos de fadas no processo de elaboração do luto infantil**. 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/anapa/Downloads/admin,+PSICAN%C3%83\\_LISE+E+CONTOS+DE+FADAS+NO+PROCESSO+DE+ELABORA%C3%87%C3%83O+DO+LUTO+INFANTIL.pdf](file:///C:/Users/anapa/Downloads/admin,+PSICAN%C3%83_LISE+E+CONTOS+DE+FADAS+NO+PROCESSO+DE+ELABORA%C3%87%C3%83O+DO+LUTO+INFANTIL.pdf). Acesso em: 16 nov. 2022.

OLIVEIRA, Linda Inês Santos de; ROCHA, Marcos Aurélio Lordão. Conversando sobre morte com crianças em fase terminal. **Psicologia.pt**. 2017. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0408.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2022.

PEREIRA, Silvana Maria; PIRES, Eliana Ferrante. As experiências de perdas e luto na contemporaneidade: um estudo bibliográfico. **Revista Educação**. 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/anapa/Downloads/2837-10899-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/anapa/Downloads/2837-10899-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 02 out. 2022.

SIMONETTI, Mariana. **Cartilha: O Luto Infantil**. Paulista: Morada da paz, 2022. Disponível em: <https://www.oquefazeremcasodemorte.com.br/wp-content/uploads/2017/10/Cartilha-O-Luto-Infantil-1.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2022.

TORRES, Wilma da Costa. **A criança diante da morte: desafios**. 4<sup>o</sup> edição. São Paulo: Casapsi Livraria, 2012.

WONDER, J. William. **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental**. 4<sup>o</sup> edição. São Paulo: Editora ROCA. 2013.

YAMAURA, Luciana Parisi Martins; VERONEZ, Fulvia de Souza. Comunicação sobre a morte para crianças: estratégias de intervenção. **Psicol. hosp. (São Paulo)**. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 78-93, jan. 2016. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-74092016000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092016000100005). Acesso em: 23 set. 2022.